

## Percepções de nadadores membros do Paraprolim sobre qualidade de vida e imagem corporal

*Swimmers' perceptions of Paraprolim regarding quality of life and body image.*

*Percepciones de los nadadores Paraprolim respecto a la calidad de vida y la imagen corporal.*

**Michelle Clerc**

Universidade Salgado de Oliveira, Brasil - [michelle.clerc@hotmail.com](mailto:michelle.clerc@hotmail.com)

**Luciana Monteiro**

Universidade Salgado de Oliveira, Brasil - [luidig@gmail.com](mailto:luidig@gmail.com)

**Shahrouz Ghayebzadeh**

Razi University, Iran - [sh.ghayebzadeh@yahoo.com](mailto:sh.ghayebzadeh@yahoo.com)

**Leonardo Mataruna-dos-Santos**

Canadian University of Dubai, Emirados Árabes Unidos - [l.mataruna@coventry.ac.uk](mailto:l.mataruna@coventry.ac.uk)

**Carlos Silva**

Universidade Iguaçu/Universidade Salgado de Oliveira, Brasil - [carlos.silva@nt.universo.edu.br](mailto:carlos.silva@nt.universo.edu.br)

### Resumo

Este estudo explora o impacto do exercício físico regular na qualidade de vida e na imagem corporal de atletas paralímpicos, enfatizando a necessidade dessas atividades para a saúde física, social e psicológica. Este estudo qualitativo emprega análise de conteúdo e etnometodologia para avaliar sete atletas paralímpicos do Projeto Paralímpico da Marinha, utilizando entrevistas em grupo focal para avaliar suas percepções. Os resultados revelam que a participação em programas esportivos estruturados influencia positivamente a imagem corporal e a qualidade de vida, levando a um melhor desempenho nos treinos, nas interações sociais e nas competições. A análise sugere que a motivação e a autoestima são fundamentais para o sucesso esportivo dos atletas paralímpicos. Tanto a motivação externa quanto a interna são cruciais para a manutenção de carreiras atléticas e para a superação de desafios. A autoestima permite que os atletas mantenham a confiança em suas habilidades, mesmo após contratempos.

**Palavras-chave:** Atividade física; Jogos Paralímpicos; Esporte; Deficiências.

### Abstract

This study explores the impact of regular physical exercise on the quality of life and body image among Para-athletes, emphasizing the necessity of such activities for physical, social, and psychological health. This qualitative study employs content analysis and ethnometodology to evaluate seven Para-athletes from the Navy's Paralympic Project, using focus group interviews to assess their perceptions. The findings reveal that participation in structured sports programs positively influences body image and quality of life, leading to improved performance in training, social interactions, and competitive events. The analysis suggests that motivation and self-esteem are fundamental to the sporting success of Paralympic athletes. Both external and internal motivations are crucial for sustaining athletic careers and overcoming challenges. Self-esteem enables athletes to remain confident in their abilities, even after setbacks.

**Keywords:** Physical Activity; Paralympic Games; Sport; Disabilities.

### Resumén

Este estudio explora el impacto del ejercicio físico regular en la calidad de vida y la imagen corporal de atletas paralímpicos, enfatizando la necesidad de estas actividades para la salud física, social y psicológica. Este estudio cualitativo emplea análisis de conocimiento y etnometodología para evaluar siete atletas paralímpicos del Proyecto Paralímpico da Marinha, utilizando entrevistas en grupo focal para evaluar sus percepciones. Los resultados revelan que la participación en programas deportivos estructurados influye



positivamente en la imagen corporal y en la calidad de vida, elevando a un mejor desempeño nuestros treinos, nas interações sociais e nas competições. Un análisis sugiere que la motivación y la autoestima son fundamentales para el éxito deportivo de los atletas paralímpicos. Tanto la motivación externa como la interna son cruciales para la manutenção de carreras atléticas y para la superación de desafios. La autoestima permite que los atletas mantengan la confianza en sus habilidades, también após contratempos.

**Palavras clave:** Atividade física; Juegos Paralímpicos; Deporte; Deficiências.

## 1. Introdução

A prática regular de exercícios físicos é crucial para a saúde física, social e psicológica. No entanto, ressalta-se que as pessoas com deficiência (PCD) e a população em geral frequentemente se tornam mais sedentárias, levando a problemas de saúde como resistência à insulina, hipertensão e aterosclerose [1]; isso é particularmente preocupante para as PCD, que enfrentam desafios adicionais no esporte devido a deficiências congênitas ou adquiridas [2]. Consequentemente, muitas PCD sofrem deslocamento social e não têm consciência dos benefícios do treinamento físico estruturado.

O esporte adaptado avançou significativamente na reabilitação desde a Segunda Guerra Mundial. No Brasil, os esportes para PCD começaram em 1958 com a fundação do "Clube do Optimismo". O Projeto Paralímpico da Marinha (Paraprolim), uma colaboração entre a Marinha do Brasil, a Caixa Econômica Federal e a Associação Desportiva Almirante Adalberto Nunes (ADAAN), apoia paratletas nas modalidades Natação, Atletismo, Tiro e Halterofilismo. O esporte oferece aos paratletas uma plataforma para mostrar sua resiliência e competir contra suas próprias deficiências [3]. A qualidade de vida, que abrange saúde, satisfação e relações sociais [4,5], é um testemunho de sua determinação. A imagem corporal reflete sua autoestima e atitudes em relação a si mesmos [6].

Este estudo visa entender como os paratletas do programa Paraprolim percebem a influência do esporte em sua qualidade de vida e imagem corporal. Pesquisas anteriores indicam que o exercício beneficia as PCD, embora o treinamento excessivo possa ter efeitos negativos [7,8]. O exercício aumenta a autoeficácia, a autoimagem e a autoestima [9]. Ao avaliar as percepções dos paratletas, podemos potencialmente melhorar sua qualidade de vida e desempenho, oferecendo esperança para os profissionais que trabalham com essa população.

A compreensão dos impactos físicos e psicológicos do esporte sobre os paratletas pode aprimorar o suporte multidisciplinar e melhorar sua qualidade de vida e desempenho competitivo. Este estudo visa identificar a percepção da qualidade de vida e da imagem corporal em paratletas participantes do programa Paraprolim.

## 2. Materiais e Métodos

Este estudo utiliza uma abordagem qualitativa e descritiva. Foram avaliados sete paratletas, representantes do Paraprolim, de ambos os sexos, com deficiências físicas e intelectuais e com habilidades na natação.

Entrevistamos os atletas no Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes (CEFAN), onde treinam, para não interferir em sua intensa rotina. A entrevista utilizou a técnica de grupo focal, considerada como o encontro de pessoas selecionadas para discutir e comentar sobre um tópico específico (foco no assunto), visando uma análise fiel da fala dos atletas sem capturar imagens (vídeo) dos próprios atletas, proporcionando assim aos participantes tranquilidade ao discutir os tópicos propostos através da coordenação de um pesquisador central que, por sua vez, assume o papel de facilitador do processo de discussão no qual os aspectos psicossociais que emergem são priorizados, enfatizando influências de opiniões sobre um determinado tema.

A estratégia de grupo focal é uma técnica qualitativa que pode ser usada sozinha ou em conjunto com outros métodos qualitativos ou quantitativos. Procura aprofundar o conhecimento das necessidades dos entrevistados. As vantagens de trabalhar com o grupo focal são a atmosfera relaxada das discussões, a confiança dos participantes em expressar suas opiniões, a participação ativa, a obtenção de informações que não se limitam à concepção prévia dos avaliadores e a alta qualidade das informações obtidas.

Por outro lado, apresenta desvantagens, como dificuldades em obter participantes que devem atender a critérios particulares e a invalidação dos achados devido à interferência de alguns dos participantes. Esta técnica permite opiniões diversificadas e a confiança dos participantes em expressar suas ideias e conceitos. A fala expressa pelos participantes não é apenas descritiva ou exploratória; é uma fala com sentido de debate, uma discussão onde é possível observar os pontos de vista e conceitos de cada participante.

Os participantes da pesquisa utilizaram códigos numéricos para garantir a confidencialidade de suas identidades e os princípios éticos da pesquisa. Esta pesquisa estudou a qualidade de vida, autoestima e motivação de atletas paralímpicos com base em um roteiro de entrevista semiestruturada composto por 12 questões: 04 sobre a trajetória do atleta, 04 sobre motivação, 01 sobre autoestima e 03 sobre qualidade de vida no esporte.

### ***Critérios de Inclusão dos Participantes***

Ser atleta com deficiência;

Ambos os sexos;

Fazer parte do projeto Paraprolim na natação e treinar no CEFAN.

Critérios de Exclusão dos Participantes

Ausência no dia da coleta;

Paratleta da natação que não seja integrante do projeto Paraprolim;

Paratleta da natação que faça parte do projeto Paraprolim mas não treine no CEFAN.

### ***Ética em Pesquisa***

O estudo foi submetido ao comitê de ética e pesquisa da Universidade Salgado de Oliveira e em conformidade com as normas sobre pesquisas envolvendo seres humanos, conforme disposto na resolução 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, e, antes do estudo, todos os participantes concordaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), contendo o objetivo da pesquisa, procedimentos de avaliação e natureza voluntária.

### ***Referencial Teórico-Metodológico para Análise dos Dados***

Utilizamos a etnometodologia e a análise de conteúdo para analisar as entrevistas. Ao decidir investigar a qualidade de vida e a autoestima em atletas paralímpicos, o pesquisador precisa conhecer o cotidiano desses atletas e a forma como percebem e dão significado às suas experiências de vida construídas diariamente; para isso é necessário compreender como os atletas se percebem, a forma de suas ações, a estratégia que desenvolvem para treinar em alto rendimento, enfrentar suas adversidades em sua rotina, ou mesmo as situações cotidianas que a vida lhes apresenta. Ao investigar um fenômeno, o pesquisador parte das experiências vividas pelos sujeitos da pesquisa, obtém descrições desses sujeitos a respeito de seus saberes, e tem em mãos falas significativas que podem ser compreendidas e reveladas em sua essência.



Dentro do contexto proposto para análise e discussão dos resultados, é essencial destacar a etnometodologia, corrente da sociologia que surgiu na Califórnia na década de 1960 e que vai além da concepção singular da construção social na qual os dados são coletados e processados. Para a etnometodologia, a abordagem quantitativa que se preocupa apenas com a entrada e saída de dados sem observar o processo em que são construídos precisa refletir adequadamente como a realidade é construída. Portanto, representa uma ruptura, tanto na perspectiva da pesquisa quanto na postura intelectual do pesquisador. A hipótese assume que todos somos sociólogos em estado prático, de modo que as pessoas comuns compreendem e descrevem a realidade e que cada grupo social pode compreender, comentar e analisar a si mesmo. A etnometodologia privilegia as abordagens microssociais dos fenômenos, dando maior importância à compreensão do que à explicação. As descrições dos atores sociais sobre os fatos que os cercam são valorizadas, e essas descrições tornam-se o objeto essencial da pesquisa etnometodológica [10,11].

A linguagem que interessa aos etnometodólogos não é a linguagem culta dos linguistas eruditos ou a dos discursos estruturados, mas a do cotidiano, usada pelos cidadãos comuns em suas ações práticas do dia a dia. Os etnometodólogos usam os mesmos recursos linguísticos dos homens comuns, a linguagem padrão em suas pesquisas, e descrições e interpretações da realidade social [10]. Uma das bases para o estudo do raciocínio prático consiste em como os membros de uma sociedade usam palavras e narrativas cotidianas para determinar a posição de suas experiências e atividades. Portanto, o etnometodólogo está interessado em como os atores usam a elocução ou fala para construir um conjunto de ações coordenadas e inteligíveis.

Outra característica dessa perspectiva deriva da indexicalidade, que sempre sugere um significado local e contextual único para cada ato interacional. Portanto, a sociologia nunca pode esperar obter generalizações através de suas análises que possam explicar os fatos sociais dispersos em diferentes contextos históricos e culturais. Dessa forma, o pesquisador não deve manter as expressões indexicais de suas análises. Pelo contrário, deve prestar atenção a elas para absorver o maior conteúdo explicativo possível através de seus significados.

Como vimos, a etnometodologia se baseia no estudo do raciocínio prático cotidiano, buscando a partir desse conjunto de evidências reconstruir uma explicação simples da realidade observada, ou seja, com a conotação de parcialidade e relativa humildade científica, admitindo que as explicações servem para dar conta dos significados interacionais de um determinado grupo, em um determinado contexto histórico e cultural.

Portanto, esta técnica produz uma grande quantidade de dados, e uma forma de trabalhar com tal quantidade é usar transcrições com dados brutos. Visa mostrar como os participantes administraram a interação de maneira ordenada. Para esta abordagem, o analista busca interpretar um turno (a fala de uma pessoa do início ao fim), examinando a resposta de outro participante no turno seguinte, pois a chave da organização espacial está nas relações entre turnos adjacentes.

Este artigo destaca cinco termos-chave em relação à operacionalização da pesquisa de campo, considerando-os os mais importantes para a pesquisa em Ciência da Informação. Reconhecendo que a etnometodologia não alude ao método, mas ao campo de investigação, os termos-chave que focalizam e explicam os conceitos destacados são prática ou achievement, indexicalidade, reflexividade, noção de membro e relatabilidade (accountability) [10].

Prática ou achievement é a capacidade do sujeito de produzir e significar ações. Parte do pressuposto de que a realidade social é vista como uma prática construída no cotidiano dos atores sociais.

Indexicalidade refere-se às circunstâncias que cercam uma palavra ou uma situação. Parte da premissa de que a vida social é constituída através da linguagem. Nas relações cotidianas, as pessoas conversam, fazem perguntas e respondem; isso significa que, como a linguagem, as ações sociais precisam ser indexadas. No caso específico da pesquisa sobre leitura, a indexicalidade nos guia para a compreensão do contexto da pesquisa, uma vez que as declarações coletadas nas entrevistas são insuficientes e só podem ser consideradas com o pesquisador compreendendo o contexto social em que são proferidas.

A indexicalidade no grupo pesquisado ocorre quando os leitores compartilham memórias de tempo vivido na família, na escola, na rua, através de nomes e expressões que despertam a memória afetiva, a imaginação e a criatividade, quando falam de um tempo não vivenciado pelo pesquisador. A linguagem natural, ordinária, através da qual as pessoas se expressam em seu cotidiano é profundamente indicativa; ela dá pistas porque, para cada ator social, o significado de sua linguagem cotidiana depende do contexto em que vive e se manifesta [10].

Reflexividade designa práticas que descrevem e constituem simultaneamente o quadro social e não podem ser confundidas com reflexão. A reflexividade mostra a construção da ação social à medida que falamos, o significado, a ordem e a racionalidade do que estamos fazendo agora. Através dessa linha de raciocínio, entendemos que as falas dos sujeitos da pesquisa apresentam características que descrevem seu mundo social, razão pela qual precisam ser exploradas nas entrevistas. Podemos também ver que quando falam sobre leitura, a descrevem e, ao mesmo tempo, constroem a realidade, fazem seus caminhos, e também são refeitos por eles devido ao processo ação-reflexão, no qual as marcas do sujeito no e com o mundo se revelam.

A noção de membro estabelecida pela etnometodologia diz respeito a uma pessoa que, tendo incorporado os etnometodos, os métodos que as pessoas usam para compreender e construir a realidade que as cerca de um considerado grupo social, exibe 'naturalmente' a competência social que a agrupa a este grupo e permite que seja reconhecida e aceita. Concebe que uma pessoa é membro de um grupo não porque pertence a um grupo em uma relação face a face, mas porque domina a linguagem desse grupo. A noção de membro refere-se a uma pessoa dotada de savoir-faire, um conjunto de métodos e procedimentos, que a torna capaz de inventar mecanismos de adaptação para dar sentido ao mundo ao seu redor.

Relatabilidade (Accountability) é a característica que permite que a comunicação flua entre sujeitos sociais, tornando atividades racionais e práticas compartilháveis, visando a intersubjetividade e a constituição da ação social do conhecimento. Suas premissas básicas são: a forma como um indivíduo interpreta fatos e age em relação a outros indivíduos ou coisas depende do significado (ou significados) que ele atribui a esses diferentes indivíduos e coisas; e o significado, no entanto, é o resultado (ou é construído a partir) dos processos de interação social. Ao ler histórias e experiências, a primeira abordagem ao princípio da relatabilidade ocorre através de descrições e relatos de suas histórias e experiências, que revelam realidades específicas de suas vidas. O mundo fornecido pela relatabilidade representa um universo local centrado principalmente em torno de um grupo limitado de pessoas, onde a objetivação do mundo social ocorre como um produto das atividades práticas desses atores interagentes. Diante do exposto, os pontos etnometodológicos se complementam.

Os cinco conceitos-chave que orientam o pensamento de Garfinkel [10] são uma referência para o pensamento etnometodológico. O conjunto desses conceitos possibilita a prática da 'sociologia profana' de Garfinkel, que enfatiza a compreensão da construção do cotidiano e a valorização da organização naturalística de um grupo social através de suas práticas.



O grupo focal é um instrumento para coleta de dados no qual o pesquisador pode ouvir vários sujeitos simultaneamente e observar as interações características do processo grupal. Visa obter diversas informações, sentimentos, experiências e representações de pequenos grupos sobre um determinado tópico.

Segundo Bardin [12], o tema é a unidade de significado que emerge naturalmente de um texto analisado, respeitando os critérios da teoria que orienta essa leitura. Portanto, a análise de conteúdo do tema consiste em descobrir os núcleos de significado que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência significa algo para o objetivo analítico pretendido.

Transcrevemos as falas da entrevista para um computador, onde as falas foram submetidas a uma leitura flutuante. Primeiro, foram tiradas impressões, mantendo a fala original dos participantes e posteriormente analisadas, observadas na análise de conteúdo. De acordo com a proposta de Bardin [12] que a determina como um conjunto de técnicas para estudar as comunicações realizadas, visando obter, através de procedimentos sistemáticos, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos à produção das mensagens recebidas, que as organiza em três fases: 1) pré-análise, 2) exploração do material, e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A pré-análise, fase de organização, visa operacionalizar e sistematizar as ideias iniciais para conduzir a um esquema preciso de desenvolvimento da pesquisa. As hipóteses e objetivos iniciais da pesquisa são revisitados e reformulados à luz do material coletado, e são criados indicadores que orientam a interpretação final. Esta fase consiste em três tarefas: leitura flutuante, constituição do corpus e reformulação de hipóteses e objetivos. A leitura flutuante toma contato exaustivo com o material para aprender seu conteúdo. O termo flutuante aparece como uma analogia à atitude do psicanalista, pois, aos poucos, a leitura se torna mais precisa, dependendo de hipóteses e teorias que sustentam o material. Organização do material para que possa atender a alguns padrões de validade: exaustividade, representatividade (que represente fielmente o universo estudado), homogeneidade (deve cumprir precisamente os temas) e relevância (os conteúdos devem ser apropriados aos objetivos do trabalho). Reformulação de hipóteses e objetivos: são determinados a unidade de registro (palavra ou frase), a unidade de contexto (a delimitação do contexto de compreensão da unidade de registro), os recortes, a forma de categorização, e os conceitos mais teóricos são determinados por diretrizes gerais que nortearão a análise. Nesta etapa, os dados da entrevista foram coletados para fornecer perguntas transparentes e objetivas em busca de respostas simples; considerando que o estudo atual visa avaliar alguns atletas que têm dificuldades intelectuais na compreensão do diálogo, selecionamos os pontos críticos para a conversa, depois subdivididos em trajetória do atleta, qualidade de vida, motivação, autoestima e qualidade de vida.

O tratamento da exploração do material e análise sistemática do texto de acordo com as categorias previamente formadas. Foram: O encontro com o projeto consiste em relatos dos participantes sobre como tomaram conhecimento do esporte e da oportunidade; a dificuldade de ser paratleta no dia a dia; o preconceito que podem ter sofrido: o projeto Paraprolim e tudo o que ele representa para cada um deles; a motivação e desmotivação envolvidas na rotina; autoestima e percepção corporal antes e depois da natação. Além disso, existe uma relação entre as pressões positivas e negativas de ser um Paratleta.

No tratamento dos resultados, inferência e interpretação, os resultados brutos, ou seja, as categorias que foram usadas como unidades de análise são submetidas a análises estatísticas simples ou complexas dependendo do caso, destacando as informações obtidas para que se possa inferir e prever. Alguns benefícios foram então identificados em relação ao objetivo deste estudo, com o uso do grupo focal e da análise de conteúdo como uma estratégia metodológica clínico-qualitativa que pode contribuir significativamente para outros estudos.

### 3. Resultados e Discussão

Inicialmente, apresentamos a descrição dos participantes, e então as categorizações são feitas com base na análise das falas dos participantes coletadas no grupo focal. Omitimos os nomes dos participantes para preservar o anonimato. Nomeamos como P1, P2...

#### Descrição dos Participantes

Abaixo está uma descrição dos participantes e seus respectivos dados relativos à deficiência, idade, sexo, prática de natação e profissão.

**Tabela 1.** Caracterização dos participantes quanto à deficiência, idade, sexo e classe na natação paralímpica.

PARTICIPANTE	DEFICIÊNCIA	IDADE	SEXO	CLASSE
P1		19	MASC	S14
P2	Lesão medular	24	MASC	S7
P3	(Acidente)	26	MASC	S7
P4		20	FEM	S14
P5		18	MASC	S8
P6	Traumatismo craniano	30	MASC	S14
P7		18	FEM	S8

Fonte: Autores.

A Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, de 2007, aprovada pelo Decreto Legislativo nº 186 de 2008 e incorporada à legislação brasileira pelo Decreto nº 6.949 de 2009, considera pessoas com deficiência aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas [13].

#### Categoria 1 - Encontro com o Projeto

Os participantes trouxeram inicialmente informações sobre como ficaram sabendo do projeto:

P1 - Minha mãe me inscreveu em um clube, e eu fiz um teste de natação lá. Passei no teste, e então conheci o técnico, e ele me convidou para nadar em sua equipe. O Paraprolim surgiu depois da pandemia.

P2 - Tive uma lesão medular aos 16 anos, e como forma de reabilitação, comecei a natação paralímpica com o técnico aqui. Conforme a jornada progrediu, tive que parar de nadar e o esporte, em geral, para trabalhar quando ele disse que tinha o Paraprolim aqui na Marinha me levou, e foi assim que consegui retornar ao esporte.

P3 - Em 2020, depois de sofrer um acidente, um conhecido postou sobre o projeto, e me interessei pela natação; depois do acidente, não via muita oportunidade, então procurei formas de comunicação até ser ouvido, consegui falar com o representante do projeto, e eles me deram o edital, preenchi. Não passei; continuei correndo atrás, e o professor me deu atenção e apoio. Passei pelos processos de contratação e consegui me encaixar no projeto e vir treinar aqui.



P4 - Nado desde pequena. Me apaixonei, e me ensinaram tudo. Não nadei durante a pandemia e senti falta. O professor me recomendou quando tudo voltou, e eu entrei. Fiquei encantada e muito animada. Mudou muito minha vida.

P5 - Bem, comecei a nadar aos treze anos como forma de fisioterapia porque era curvado. Continuei até os dez, doze e treze anos quando o Patrick me encontrou. A partir daí, comecei a treinar seriamente com foco em competições. Através do Patrick, depois da pandemia, parei por muito tempo até que surgiu esta oportunidade, e pude estar aqui treinando na Marinha.

P6 - Fui indicado pela Sarah Kubitschek, de onde venho. Sofri um acidente e tive traumatismo craniano. Estou descobrindo tudo, e sei que o esporte é excepcional. Diziam que nadar é muito bom na vida, que dá mais estabilidade na hora de caminhar, de lidar com as pessoas e de descobrir tudo de novo. Acabei de começar a nadar aqui no projeto; já pratiquei outro esporte; eu fazia judô, ganhei muitas medalhas também, mas quando era jovem, já tenho trinta anos, aqui vou ver se consigo mais medalhas.

P7 - Comecei a participar do projeto da Marinha aqui depois da pandemia e adoro participar deste excelente projeto. Todos os dias aqui, me dedico mais e me sinto emocionada por fazer parte deste projeto. Nado desde os quatro anos de idade, começando como uma garotinha, recomendada pela fisioterapia.

## Categoria 2 - Dificuldade de Ser um Paratleta

Em relação à maior dificuldade em se tornar um Paratleta, os atletas mencionaram exigências, disciplina e dificuldade de acessibilidade. No entanto, a menção à superação e ao desejo de não desistir estão presentes nas falas dos participantes:

P1 - É difícil porque há muita pressão, e você tem que ter disciplina e ouvir o que os técnicos dizem; isso é o que é difícil.

P2 - Quando você começa, a maior barreira para as pessoas com deficiência é essa questão da falta de acessibilidade, e isso torna tudo muito mais cansativo; se eu tenho que vir para o treino muito cedo, tenho que acordar muito mais cedo para evitar correr o risco de perder o ônibus, porque, ao contrário de uma pessoa sem deficiência, não posso correr atrás daquele ônibus, aumentando meu cansaço físico e mental, esta é a maior dificuldade, a falta de acessibilidade torna tudo mais pesado. Ainda assim, como atleta, desenvolvo tranquilidade apesar das minhas limitações; isso não é nada que seu corpo não possa se adaptar para alcançar.

P3 - Vivi muitos momentos difíceis na vida, e através de tudo isso aprendi a ser forte e não me desanimar com qualquer barreira ou obstáculo. Graças a Deus, não vejo isso como uma dificuldade; tento superar meus limites.

No entanto, é essencial destacar a força de vontade dos Paratletas, cada pessoa com sua história, seus medos e sua forma de lidar com seus desafios. Atletas paralímpicos também foram estudados como características essenciais para o processo de reabilitação, considerando que atletas mais resilientes têm atitudes e comportamentos favoráveis ao processo de reabilitação. Esses aspectos cognitivos podem facilitar respostas que promovam o melhor desempenho esportivo.

## Categoria 3 - Preconceito

Em relação ao preconceito ao longo do caminho, eles tiveram relatos sobre nunca terem passado por nada que os abalasse:

P7 - Nunca estive em uma situação de preconceito. Sempre tento estar em bons termos com as pessoas, e aqueles que passam por mim são gentis.

No entanto, na maioria das situações que vivenciam, a busca por não se desanimar é o que mais importa:

P2 - Existem esses arquétipos criados pela sociedade, ou sobre o que fazemos, que são tipo "Uau, você faz coisas sozinho" ou "não, calma, vamos ter cuidado." isso é porque tenho uma deficiência porque estou em uma cadeira como se isso me limitasse, mas, na verdade, o que nos limita é nossa cabeça, o que está dentro de nossa mente, mas há preconceito todos os dias, toda hora, um olhar, uma forma de falar, uma forma de tentar resolver uma situação, existe diretamente.

P3 - Sempre há preconceito, mas tento não me desanimar. Infelizmente, faz parte da sociedade, mas significa levantar a cabeça, olhar para frente e seguir em frente.

Afirmando que o preconceito faz parte da realidade dos atletas, uma pesquisa realizada pelo Instituto DataSenado, em parceria com o gabinete do Senador Romário e apoio do Comitê Paralímpico Brasileiro, realizada com Paratletas, onde 12% participaram das Paralimpíadas do Rio em 2016, apontou que mais de 70% dos atletas paralímpicos no Brasil já sofreram preconceito social.

Neste relato, é essencial destacar o choque emocional da atleta causado por uma pessoa que comentou sobre seu futuro:

P4 - Algumas pessoas duvidaram. Me disseram que eu não precisava ir nadar, que não era para mim, mas é isso que o P3 disse. Temos que manter a cabeça erguida e sermos fortes porque é nosso plano e nosso futuro. Gostei disso e comecei a chorar muito porque as pessoas não sabem sobre nosso futuro; nós sabemos.

Nesta fala, é essencial destacar como este Paratleta decidiu reagir a algumas situações de preconceito que vivenciou:

P6 - Passei por isso muito, mas hoje, lido bem com isso; isso é só eu. Quando alguém brincou comigo e zombou de mim assim, eu sorri, e essa foi uma resposta muito, muito direta: que o melhor é dar um sorriso porque estamos lá, estamos nos divertindo, e se você quiser, ainda queremos. Eles te batem, você fica muito mais bonito do que eles, e eles até ficam com ciúmes.

#### Categoria 4 - O Projeto e Seus Benefícios

Os participantes descreveram como o projeto interfere em suas rotinas:

P2 - Financeiramente, não me ajuda ainda porque entrei recentemente e não obtive muitos resultados para conseguir a bolsa, mas há uma expectativa de chegar lá; venho cedo, tomo café, tenho acesso à hospedagem, então é algo que conquistei aqui, ir descansar e ter um bom desempenho no dia seguinte porque não preciso acordar muito cedo, ainda não tive acesso à fisioterapia e nutrição como outros Paratletas porque acabei de começar, mas já solicitei. Também poderei acessar isso.

P3 - Ainda não tenho ajuda financeira, mas estou me dedicando a correr atrás do índice e conseguir visibilidade para ter renda. No entanto, a estrutura me ajuda muito com meu problema do acidente. A natação é essencial para minha recuperação do acidente de moto. Antes eu só vivia de moto, correndo para cá e para lá e agora posso me dedicar ao esporte e fazer o meu melhor. Temos acesso à alimentação, café, almoço e treino.

P4 - Estou me esforçando muito e mudando muito porque tudo o que temos aqui me ajuda dramaticamente com minhas pernas e problemas respiratórios.

P5 - Uau, há muitos pontos positivos: o local, as pessoas aqui são muito amigáveis, gosto daqui, bons professores, e com os atletas, e pude socializar mais; gostei daqui por causa disso; e é uma oportunidade. Estar na Marinha e poder ser atleta aqui é uma grande oportunidade. Aqui você



almoça e toma café da manhã, é perfeito porque não tenho muito tempo ou meios financeiros às vezes para almoçar fora para vir aqui, então ter acesso a tudo isso acho que é perfeito porque aqui te dá essa possibilidade. Como você não precisa correr para nenhum lugar para voltar aqui, isso facilita muito, ter comida e transporte para nos levar também.

P6 - É perfeito porque não preciso me preocupar com essas questões de alimentação, transporte e questões de treino. O atendimento aqui é excelente, e há uma estrutura perfeita para eu vir aqui e dar o meu melhor sem me preocupar com essas coisas. O tratamento é ideal, excelente. Ainda não tenho acesso à fisioterapia também porque sou novo, mas em breve, estarei no meu caminho.

P7 - É muito, muito bom. Então, o projeto aqui, em termos de natação, tem sido ótimo para mim. Tem sido perfeito, e almoçamos lá. É legal. Uso transporte às vezes, mas temos um cartão, o que facilita muito.

Um dos aspectos observados foi a possibilidade de socialização, identificada com a convivência na faixa etária heterogênea e deficiências; além da atmosfera descontraída, o ambiente de treino representa lazer, bem-estar, tranquilidade e amizade. Notamos realização pessoal e autoestima, e elas foram representadas na valorização da conquista de fazer parte do projeto.

Os objetivos do projeto ParaProlim incluem desenvolver o esporte paralímpico e a inclusão social, mesmo acreditando que esta população ainda está excluída. De acordo com o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), a entidade que rege o esporte paralímpico, há 25 esportes oficiais hoje, e a natação é o segundo esporte que mais trouxe medalhas para o Brasil nas Paralimpíadas.

### Categoria 5 - Objetivo, Motivação e Desmotivação dos Paratletas

Durante a entrevista, observamos que a disciplina que esses atletas adquirem através do esporte proporciona aos jovens atitudes positivas, bons pensamentos e um forte desejo de vencer. Em relação aos objetivos do esporte, os participantes relataram seu desejo de conquistar uma vaga nas Paralimpíadas e competições internacionais:

P1 - Meu sonho na natação, eu disse à minha mãe, é ir para as Paralimpíadas internacionais, porque minha mãe foi nadadora e ela entende muito sobre essa parte da natação e da vida como atleta, então estou treinando duro para alcançá-lo.

P4 - Meu sonho é ir para o exterior; gosto de viajar para o exterior; já fui uma vez e ganhei o terceiro lugar; gosto de ir representar meu país.

P7 - Meu objetivo é chegar aos campeonatos mundiais; sonho muito em chegar aos campeonatos mundiais e alavancar minha carreira.

Eles também levantaram questões sobre ser uma referência para Paratletas mais jovens:

P2 - Esta questão é que fisicamente, tudo melhora. Um bom condicionamento permite prolongar sua vida sem depender das pessoas. Além disso, quero ser uma referência para os mais jovens. Já tinha 18 anos. Hoje tenho 26, e amanhã, terei 30. Quero fazer parte do esporte paralímpico para que possa ser uma referência no esporte além do físico. Independentemente de qualquer coisa, se quisermos, alcançaremos.

Eles vivenciaram alguns deles comentaram sobre incentivar a motivação em situações:

P3 - O que me motiva é olhar ao redor e ver que nem tudo está perdido. Se pensarmos que é uma causa perdida, vemos que há piores casos que não desistiram ou se desanimaram, então temos que olhar para frente e caminhar.

P5 - O que me dá mais incentivo é a competição. Quando vejo que há alguém melhor do que eu em algo, quando vejo que há alguém à frente, tento conhecer essa pessoa e tentar me aproximar cada vez

mais dela. No entanto, um objetivo que tenho é poder competir nas Paralimpíadas um dia. É ser o melhor na minha categoria.

P6 - Vejo que não podemos desistir. Vejo muitas pessoas alcançando coisas, e então vejo que posso fazer isso. Nada é fácil, mas temos que ter muita força e motivação para não pararmos. Sempre temos que continuar olhando para frente, caminhar, caminhar, mas nunca parar.

As falas dos atletas confirmam que a motivação é um elemento essencial para alcançar bons resultados no desempenho dos atletas e que é vista como combustível para o atleta. Quando perguntados sobre algo em sua rotina que os desmotivou, alguns dos participantes falaram sobre comparação e cansaço do treino, mas P1 mostra a importância de receber motivação externa através do apoio de sua mãe, enfatiza que isso o motiva a continuar, e P6 destaca a motivação já presente em você e em sua vida.

Em relação aos tipos de motivação na fala do Paratleta, Silva [6] diz que a motivação pode ser intrínseca e extrínseca. Quando intrínseca, tem a ver com aspectos internos, como os sentimentos da pessoa, que gerarão motivação, como podemos ver na fala de P6. Fatores externos criam essa motivação quando irrelevantes, como um elogio dado por outra pessoa ou uma recompensa por algo que fazem ou fizeram, como podemos ver na fala de P1.

P1 - Às vezes, me sinto triste me comparando com os outros. Acho que não vou conseguir as coisas, e fico triste; minha mãe sempre me motiva a alcançar meus objetivos e me fortalece.

P6 - Nada é fácil na vida, mas é difícil para mim me sentir desmotivado. O cansaço da rotina não me desmotiva hoje, parando quando estou morto.

A maioria dos participantes trouxe a ideia de que é melhor focar na motivação em tudo na vida; eles relataram que independentemente de um mau dia de treino ou dificuldade encontrada ao longo do caminho, não há razão para se deixar desmotivar:

P2 - Tentamos focar na motivação em vez da desmotivação. Esta questão de acesso é complexa e cansativa, mas olhar para o excelente caminho na vida é melhor.

P5 - Até hoje, nada me afetou; nada me afetou muito. Porque sempre tive uma mente muito disciplinada, digo: Olha, tudo depende de mim; não vou deixar ninguém me dizer o contrário, entende? Sempre tive esse pensamento, então nada disso nunca me abalou.

P7 - Quase não tenho desmotivação porque a natação é minha vida. Então, todo dia de treino, foco no meu objetivo; quando fico desanimada, é só quando o treino não é exatamente o que eu esperava, certo? Quando minha renda cai, não fico desanimada. Porque mesmo assim, no dia a dia, sabemos que as coisas não saem como planejado. Acordamos no dia seguinte, que é a única razão pela qual digo isso: estou desanimada; meu treino não foi o que eu esperava. Eu esperava, mas vou lá e tento novamente no dia seguinte. Tento ser melhor.

De acordo com os resultados obtidos na pesquisa, os valores morais se correlacionam positivamente com atitudes pró-sociais (socialmente positivas), e o mental (foco) desses Paratletas precisa ser fortalecido dentro de todo o cenário de treinamento, superando experiências. Os atletas devem focar no futuro e nas conquistas, e não na derrota para superar o momento. Mesmo quando estão para baixo, é essencial acreditar que as vitórias virão no futuro, pois isso se torna decisivo para que os atletas continuem suas carreiras. Ele também fala sobre a importância de aprender a lidar com as dificuldades para que não desistam imediatamente ao enfrentar tais situações.

## Categoria 6 - Autoestima e Percepção Corporal antes e depois da Natação

A natação adaptada, com as propriedades da água, influencia o comportamento das pessoas com deficiência, seja fisiológica ou psicologicamente. Desenvolve habilidades motoras que



contribuirão para as atividades da vida diária, elimina a vergonha do próprio corpo, eleva a autoimagem e incentiva a independência, autonomia e socialização com outros grupos [14].

A natação adaptada é uma ferramenta essencial na reabilitação e inclusão social, destacando que atletas com deficiência física que praticam natação podem experimentar aumento da força muscular e flexibilidade, redução do percentual de gordura, aumento da autoestima e confiança, permitindo uma participação mais eficaz nas aulas/treinos. Na categoria autoestima dos atletas, encontramos resultados sobre as unidades de contexto, percepção corporal e sentimentos de inferioridade dos atletas. Discutiremos a importância do esporte na modificação dos sentimentos de inferioridade e a influência da autoestima nos resultados esportivos.

Os participantes relataram a melhora na autoestima causada pela natação, e eles compararam a mudança nas valências físicas e psicológicas antes e depois como Paratletas do esporte:

P1 - Nadar fortalece meus músculos, e me sinto mais forte quando nado borboleta.

P2 - Os esportes como um todo aumentam a autoestima, proporcionando um condicionamento muito melhor. Você ganha força e estabilidade, tornando seu corpo visivelmente mais potente e mais bonito; isso aumenta seu desejo de sair, usar roupas bonitas e se exibir, trazendo de volta o desejo de viver e se exibir.

P3 - A natação mudou muito este aspecto físico e a força. P4 - A natação me traz bem-estar físico e meu desejo de viver.

Os atletas geralmente mostram boa aceitação de seus corpos e se sentem bem com sua imagem independentemente da deficiência. Essa percepção muda significativamente com o início da prática esportiva.

P5 - Sinto-me mais bonito, mais robusto e até mais alto. A natação também ajudou muito com minha autoestima. Antes, não era muito bom com meu corpo, e agora tenho maior confiança. Em geral, minha qualidade de vida melhorou, não apenas em termos do meu corpo, mas também em termos de socializar com as pessoas.

P6 - Estou me sentindo emocionado, estou ficando forte e estou bonito. Além disso, é excelente. Nadar nos dá boa motivação, e ficamos com boa aparência e somos mais potentes ao caminhar.

Foi mencionado um relato sobre o impacto da pandemia de COVID-19. Houve uma percepção de declínio e baixa autoestima.

P7 - Sinto-me mais forte. Não foi tão desafiador, mas estou conseguindo. O período da pandemia foi difícil. Tive que parar, o que me impactou quando retornoi aos treinos ou senti que meu desempenho caiu. No entanto, me recuperei em três meses, e estou firme. Estou evoluindo, e me sinto mais feliz com meu trabalho a cada dia.

A alta autoestima e boa autoaceitação dos atletas podem estar relacionadas às suas carreiras esportivas. Em um estudo no qual os pesquisadores entrevistaram dez atletas paralímpicos, encontraram um aumento na autoestima e autoconceito, entre outros fatores, como aceitação de si mesmos, como benefícios do esporte em suas vidas [15].

## Categoria 7 - Pressão Positiva ou Negativa

Em relação ao Paraprolim motivar mais ou gerar uma atmosfera hostil sobre a pressão que o esporte proporciona, surgiram relatos variados, e apesar de terem que mostrar bons resultados, a figura do técnico parece ajudar os Paratletas a ficarem mais calmos:

P2 - Isso varia de pessoa para pessoa, porque antes do ParaProlim me cobrar, eu me cobrava, mas obviamente, o técnico sempre diz que vem para sua saúde primeiro. Você está aqui; lembre-se de que é para resultados e para você ficar bem. Para você ficar bem, ficamos felizes e calmos, e então você entende que exigir o resultado é normal para qualquer clube.

P7 - Bem, é ambos; é uma pequena quantidade de ambos. Porque como eu disse, tento o meu melhor para dar o meu melhor, mas às vezes me sinto pressionada; isso é muito bom porque existe e sempre existe na vida de um atleta, certo? Essa cobrança. No entanto, tenho que dar bons resultados e meu técnico exige mais durante os períodos de competição, especialmente. Fico apreensiva, mas também tenho momentos em que estou mais relaxada, e ele me ajuda, e tento dar o meu melhor nos testes.

No ambiente esportivo, quando o técnico oferece suporte contínuo e respeito e é acessível ao atleta quando necessário, tanto para questões esportivas quanto pessoais, ele favorece a prevenção dos efeitos adversos de eventos estressantes. Esses achados demonstram que quanto mais os atletas passam tempo com seus técnicos, mais essas relações transcendem a dimensão esportiva para uma relação mais pessoal [16]. A influência do destaque encorajando o projeto foi quando perguntado sobre seus sentimentos sobre como lidam com isso.

P3 - Para mim, não é uma tarefa. Gosto do projeto, e estar presente é encorajador. Estamos treinando, estamos olhando, e estamos focando no índice de medalha.

P4 - É mais calmo aqui no projeto; isso me motiva mais.

P5 - Então, quando soube que treinaria aqui na Marinha, isso me motivou muito. Há pressão para conseguir o índice, mas a motivação é muito maior.

P6 - Lido com isso muito bem. Vejo de uma forma que é bom ser pressionado, que você sabe que não está sozinho, e que tem que melhorar, melhorar e nunca parar porque quando você está parado, sempre digo que é aquele que está morto! Estou respirando, então sempre temos que melhorar, e se parar, enferra, certo? Se você não pode parar, então é terrível.

Lidar com a pressão da competição é um desafio enfrentado diariamente por esses atletas; no relato abaixo, podemos destacar a importância que o técnico tem neste momento pré-prova:

P1 - Não preciso ficar calmo. Fico nervoso, preocupado e tenso porque não é fácil. Ser atleta exige trabalho. É por isso que o atleta tem que ser muito forte e trabalhar psicologicamente. Então há muita pressão, mas sei que o técnico diz que é para o meu bem. Ele quer que eu melhore e alcance resultados, mas há muita pressão para o meu bem. Meu técnico quer o meu bem.

A relação que o atleta tem com os fatos que envolvem sua rotina e a importância que o apoio do técnico pode oferecer, de acordo com a fala de P1, pode dar sentido à vida dos atletas, fazendo com que ganhem independência e autoconfiança, além de terem melhorias em seu autoconceito e autoestima, para buscar melhores resultados, ou seja, suas melhores marcas, lidando mais calmamente com a pressão naturalmente vivenciada por eles, entende-se que o trabalho psicológico é essencial, não apenas para o técnico, mas para todo um conjunto.

#### 4. Conclusões

Este estudo buscou identificar a percepção da qualidade de vida e da imagem corporal em paratletas participantes do programa Paraprolim. Através dos relatos dos participantes, realizados com base no grupo focal, a autoestima e a qualidade de vida dos Paratletas demonstram que foram positivamente afetadas pelo projeto.

A percepção dos Paratletas avaliados mostrou que os impactos físicos e psicológicos foram positivos na imagem corporal associada à prática profissional e melhoraram sua qualidade de vida. Isso consequentemente promoveu melhor desempenho nos treinos, convivência com amigos e



competições com total apoio do técnico, especialmente que foi muito mencionado pelos participantes durante a entrevista.

Além disso, a compreensão de todo esse contexto revelou que a maioria começou a nadar como alternativa para reabilitação pós-lesão e agora se tornou profissional; isso corrobora a ideia de que o trabalho multidisciplinar entre fisioterapeutas e profissionais de educação física que trabalham com Paratletas é essencial para a formação profissional dos Paratletas e mudou suas vidas.

Os resultados da análise sugerem que motivação e autoestima são fundamentais para os resultados esportivos dos atletas paralímpicos. O estudo identificou que a motivação externa ou interna foi essencial para que continuassem suas carreiras atléticas, desde as dificuldades em sua iniciação esportiva até quando precisaram superar momentos de fracasso no esporte.

A autoestima também permaneceu presente nas falas dos participantes, de modo que estavam confiantes em seu potencial e capacidade de se superar ao longo de suas carreiras, inclusive depois de passar por situações prejudiciais e não atingir um objetivo. Apesar dos achados apresentados neste estudo, é importante destacar algumas limitações. Primeiro, são necessários mais estudos sobre atletas paralímpicos, tornando impossível comparar achados e estabelecer parâmetros. O tamanho da amostra e o recrutamento de apenas um esporte individual impedem a generalização dos resultados para todo o contexto paralímpico.

No entanto, a amostra é relevante porque os atletas competem nas principais competições do esporte no Brasil e fazem parte de um novo programa de incentivo que começou após a pandemia de COVID-19 e melhorou, de acordo com os achados, a qualidade de vida e a autoestima desses atletas.

Além disso, pesquisas futuras devem envolver atletas de outros esportes para comparar grupos (coletivo versus individual), envolver outras variáveis psicológicas e usar um desenho longitudinal para verificar possíveis mudanças na motivação e resiliência individual e grupal ao longo de uma temporada competitiva.

## Referências

1. Doescher, V. M. S.; Nunes, R. L. A influência da natação na percepção da imagem corporal de pessoas com deficiências físicas e sensoriais. *Revista Saber Acadêmico*, 2019, 28, 123-145. [Google Scholar]
2. Diehl, R. M. *Jogando com as diferenças*. Phorte: São Paulo, Brasil, 2008. [Google Scholar]
3. Campeão, M. D. S. O esporte paraolímpico como instrumento para a moralidade das práticas em saúde pública envolvendo pessoas com deficiência: uma abordagem a partir da bioética da proteção. Doctoral Thesis. Doctor - Fundação Osvaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil), 2011. [Google Scholar]
4. Bampi, L. N. D. S., Guilhem, D.; Lima, D. D. Qualidade de vida em pessoas com lesão medular traumática: um estudo com o WHOQOL-bref. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 2008, 11, 67-77. [Google Scholar]
5. Pereira, É. F.; Teixeira, C. S.; Santos, A. D. Qualidade de vida: abordagens, conceitos e avaliação. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 2012, 26, 241-250. [Google Scholar] [Crossref]
6. Silva, M. S. A imagem corporal na amputação: relação com a depressão, a ansiedade, a satisfação com o suporte social e a autoestima global. Master Thesis. Master – Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2013. [Google Scholar]
7. Aidar, F. J.; de Oliveira, R. J.; Silva, A. J.; de Matos, D. G.; Carneiro, A. L.; Garrido, N.; ... & Reis, V. M. The influence of the level of physical activity and human development in the quality of life in survivors of stroke. *Health and quality of life outcomes*, 2011, 9, 1-6. [Google Scholar] [Crossref]
8. Austin, S.; Qu, H.; Shewchuk, R. M. Association between adherence to physical activity guidelines and health-related quality of life among individuals with physician-

- diagnosed arthritis. Quality of Life Research, 2012, 21, 1347-1357. [Google Scholar] [Crossref]
9. Bavoso, D.; Galeote, L.; Montiel, J. M.; Cecato, J. F. Motivação e autoestima relacionada à prática de atividade física em adultos e idosos. Revista Brasileira de Psicologia do Esporte, 2017, 7(2), 26-37. [Google Scholar] [Crossref]
10. Garfinkel, H. Estudos de etnometodologia. Vozes: Petrópolis, Brasil, 2012. [Google Scholar]
11. Silva, C. A. F. D.; Votre, S. J. Etnometodologias. HP Comunicação: Rio de Janeiro, Brasil, 2012.
12. Bardin, L. Análisis de contenido, 89 ed.; Akal Ediciones: Madrid, Spain, 1991. [Google Scholar]
13. Federal, Senado. Estatuto da pessoa com deficiência. Senado Federal. Coordenação de Edições Técnicas. Senado Federal: Brasília, Brasil, 2015.
14. Pancotto, H. P.; Tome, C. A.; Esteves, A. M. Influência da prática de natação no sono e na qualidade de vida de pessoas com deficiência visual. Revista Brasileira de Medicina do Esporte, 2021, 27, 179-183. [Google Scholar] [Crossref]
15. Ashton-Shaeffer, C.; Gibson, H. J.; Autry, C. E.; Hanson, C. S. Meaning of sport to adults with physical disabilities: A disability sport camp experience. Sociology of sport journal, 2001, 18(1), 95-114. [Google Scholar] [Crossref]
16. Freire, G. L. M.; Granja, C. T. L.; Torres, V. M. F.; Vasconcelos, G. C. D.; Morais, M. P. D. Percepção da qualidade de vida em atletas de atletismo e natação paralímpica. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, 2019, 27, 384-389. [Google Scholar] [Crossref]

Recebido em: 11 jul. 2025

Aceite em: 20 nov. 2025

Endereço para correspondência:

Michelle Clerc

[michelle.clerc@hotmail.com](mailto:michelle.clerc@hotmail.com)



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Attribution 3.0